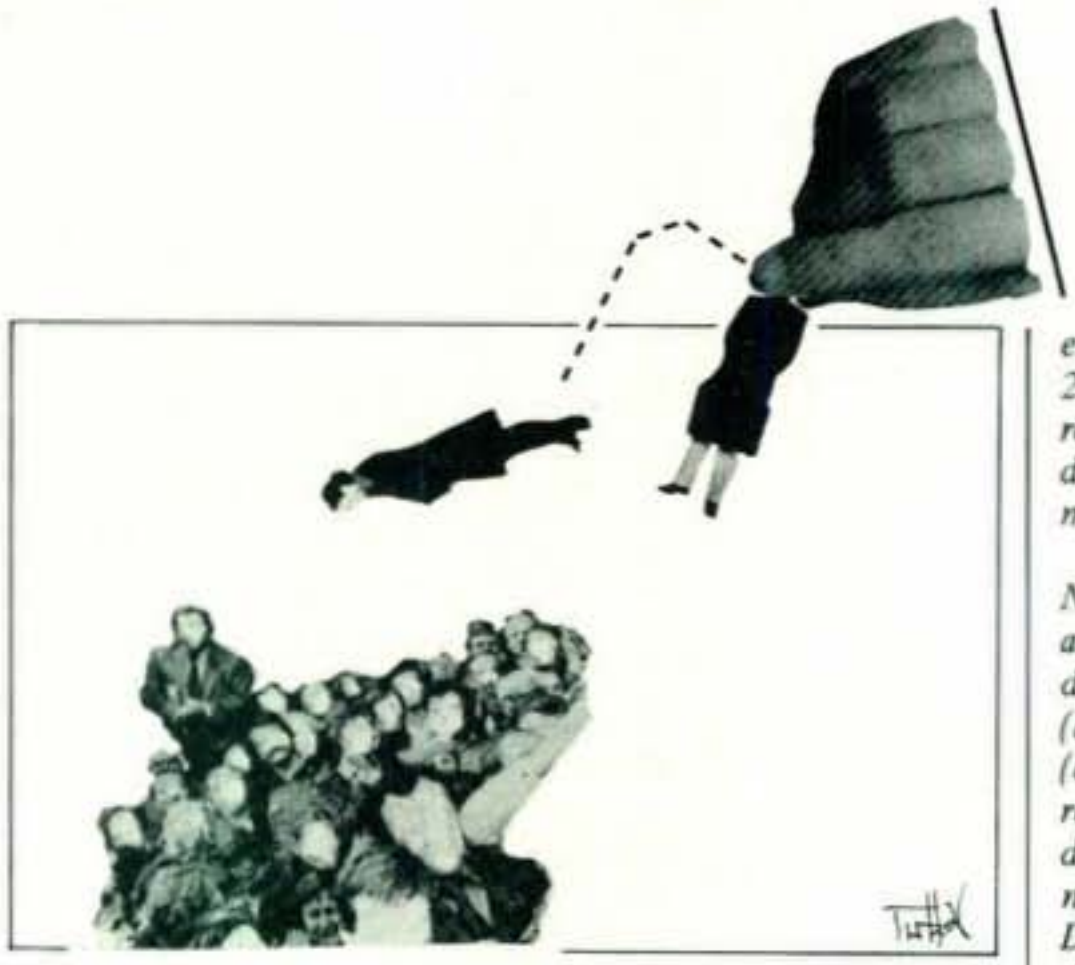
O inquietante desemprego europeu



Londres – *Dez milhões de desempregados na Europa, representando 9% da população ativa – mais do que toda a mão-de-obra utilizada na agricultura – este é o balanço que a CEE acaba de divulgar, confirmando que a taxa de desemprego aumentou em um terço entre dez. 80-dez. 81, fato que se torna mais inquietante na medida em que não há perspectiva de melhoria, pelo menos a curto prazo.*

As estimativas da OCDE e da Comunidade Européia indicam que as taxas de desemprego se manterão, na melhor das hipóteses, nos níveis atuais, e isso mesmo apenas se se confirmar um crescimento de 3% do produto interno bruto nos próximos 18 meses. O maior crescimento na taxa de desemprego ocorreu na República Federal da Alemanha, com um aumento de 54% em um ano, totalizando 1 milhão e 700 mil pessoas. Seguem-se a Holanda (+44,4%), Luxemburgo (+44,4%), Inglaterra (+36,6%), França (+25%), Bélgica (+21,9%), Dinamarca (+20,6%), Itália (+16,9%) e Irlanda (+15,7%).

O maior contingente de desempregados, porém (um pouco mais de 3 milhões de pessoas), se localiza na Inglaterra, seguindo-se a Itália, com 2,1 milhões, a França com 2 milhões e a República Federal da Alemanha com 1,7 milhão de pessoas. A Bélgica mantém um recorde de 12,9% de desempregados sobre a população ativa, enquanto esse índice, na Inglaterra, é de 11,3%. Embora o fenômeno tenha-se tornado, no ano passado, mais agudo na Alemanha, ele é mais resistente e antigo na Bélgica e na Inglaterra. Neste país, por exemplo, a população desempregada dobrou desde 1979 e representa hoje 1/3 de toda a Comunidade.

O agravamento do desemprego na Europa se deve a dois fatores básicos, segundo os técnicos da CEE: a entrada no mercado de trabalho de uma população ativa de jovens e mulheres estimada em 2,3 milhões de pessoas e o reduzido aumento da oferta de novas colocações, em conseqüência da recessão provocada, em grande parte, pelos dois choques do petróleo.

Os jovens de menos de 20 anos representam, hoje, cerca de 41% de todo o contingente de desempregados na Europa, embora apenas 20% da população ativa total.

Mais do que os jovens, as mulheres que passaram a reivindicar emprego vêm pesando consideravelmente no mercado de trabalho.

Segundo o estudo da CEE, no decorrer da década de 70, a população ativa feminina em idade de trabalhar, entre 25 e 29 anos, que passou a reivindicar emprego, passou de 45 para 57% do total da mão-de-obra ativa da CEE.

Nota-se também que não aumentou muito o número de mulheres mais jovens (até 24 anos) e mais velhas (depois de 60 anos) se registrando como desempregadas. Isso, porém, não atenuou o fenômeno. De fato, a taxa de desemprego feminino nos últimos cinco anos aumentou 13% na Itália, 15% na Bélgica, 8% na França, embora tenha caído de 6,5 para 4% na Inglaterra.

Ao crescimento da população ativa de mais de 2 milhões de pessoas em 1981 contrapõe-se uma quase-estagnação de novas ofertas de emprego. Praticamente apenas o setor de serviços vem criando novos empregos, por força de uma política que visa basicamente absorver a população ociosa. O emprego na agricultura continua declinando lentamente, ao contrário do que ocorre na indústria. Entre 1976 e 1981 a indústria têxtil perdeu 8,8 milhões de empregos, a metalúrgica 8,2 milhões, a automobilística e construção naval 6,3 milhões de empregos. O setor mais atingido, porém, foi o ♦